

**INCULTURAÇÃO E IMAGEM
DO ÍNDIO.**

Notas históricas a partir da obra de Sahagun

Fernando Torres Londoño

Recentemente ao noticiar o levantamento indígena de começo de ano no México, os médios de comunicação internacionais voltaram a apresentar os índios nos moldes de um imaginário ainda vigente onde se confunde o selvagismo, a barbárie e a violência. Tal amalgama para apresentar o índio foi formada durante a Conquista da América pelos espanhóis e tem permeado a maioria das imagens e dos discursos que se tem elaborado respeito ao índio nestes 500 anos de história.

Conhecemos hoje através de bibliografia recente, a forma como essa imagem, que desclassifica ao índio, foi sendo construída desde a chegada do Colombo. Dos textos dos primeiros cronistas, das

divulgações feitas na Europa e das verções autorizadas pela censura espanhola surgiu a imagem do índio semelhante a um bárbaro. Em seu célebre texto de 1547 o teólogo espanhol Juan Ginés de Sepúlveda, sobre as justas causas de guerra contra os índios, dizia-se que:

“Compara agora a prudência, o engenho, a magnanimidade, a temperança, a humanidade e religião destes homens com esses homúnculos nos quais mal encontrarás vestígios de humanidade, que não só não possuem doutrina alguma, mas também não usam letras, não conheceram, não têm nenhum monumento de grandes feitos, a

não ser alguma e obscura lembrança de algumas coisas registradas em certas pinturas, nenhuma lei escrita, mas instituições e costumes bárbaros. Mas se buscas virtudes como temperança e mansidão, o que esperarás de homens que estavam entregues a todo gênero de intemperança e libidos nefandas, e que comiam carne humana?”¹

Os indígenas, seus descendentes e por extensão os diferentes grupos de mestiços foram herdeiros desta imagem negativa sobre o continente e seus habitantes.

Desta forma a chegada dos europeus estabelecia uma descontinuidade entre a barbárie pre-colombiana e a ordem cristã ocidental imposta posteriormente. No século XIX muitos latino-americanos interessados em mostrar uma inevitável continuidade histórica de civilização que justificasse seus projetos, acharam que deveriam encontrar essa continuidade na Europa. Também os latino-americanos do século XX não se têm visto livres desse intento de legitimar

a modernidade proclamando-se herdeiros naturais da herança ocidental.

No momento em que se postula uma “nova evangelização para o continente” e em que se explicitam as bases para uma inculturação da Fé na América Latina, é necessário reconstituir esse processo de formação de imagens e recuperar ao mesmo tempo uma memória de um passado milenar que foi propositalmente silenciado. Eles deveriam devolver as bases para a construção de nossa identidade e afirmação de nossa pluralidade cultural. Duas condições fundamentais para que uma Igreja realmente inculturada seja vista independente do colonialismo e participe na construção da “justiça cultural”, que como apontou Paulo Suess, pressupõe a justiça social.²

A obra monumental de frei Bernardino de Sahagun sobre o passado asteca foi em 1577 vítima da imposição do silêncio sobre os índios, sua história, sua sociedade e cultura. Procurando mostrar o “quilate” do povo mexicano, a “História General de las Cosas de Nueva España” é também um dos

primeiros esforços de ocidente em intentar construir a “alteridade” em relação ao índio a partir da negação da barbárie atribuída pelos colonizadores. É desde aqui que formulamos as considerações que seguem respeito à obra do franciscano.

1. Frei Bernardino de Sahagun e a “História General de las Cosas de Nueva España”.

Em 1547 no território sobre o qual antes dominavam os astecas, ainda ficavam numerosos vestígios da presença dos diferentes povos do México. Contudo, o esplendor da época de Montezuma tinha terminado. Passados mais de vinte anos do início do domínio espanhol, a população indígena se tinha reduzido drasticamente de 25 milhões em 1519 para a algo em torno de 6 milhões.³ A produção de milho e de outros alimentos tinha caído e a fome era um rosto conhecido em grande parte do México.⁴ Dos antigos senhorios

indígenas muitos tinham sido distribuídos como encomendas entre os conquistadores. Derrotadas as resistências astecas, se construía agora sobre as cinzas do México-Tenochitlan “la Nueva España”.

Da glória do México que tanto tinha impressionado a Cortés, só ficava a imagem de um povo bárbaro, dado a sacrifícios humanos, a atos vis, como o assassinato de crianças, praticante de uma extensa idolatria induzida pelo demônio, inclinado à bebedeira, à preguiça e a toda sorte de imoralidades, como o anotava Gines de Sepulveda no texto comentado acima. Imagem que seria invocada por teólogos, “encomenderos” e funcionários reais durante o século XVI, para justificar a ação cristianizadora e pacificadora da conquista e legitimar o domínio dos espanhóis sobre os habitantes de América.

Foi em 1547, data mencionada há pouco, que Frei Bernardino de Sahagun começou um trabalho que se converteria em um dos primei-

1. Juan Gines de Sepulveda, “*As justas causas de guerra contra os índios, segundo o tratado Democrates Alter*” em Paulo Suess, (coord.) *A conquista espiritual da América Espanhola*, Petrópolis, Vozes, 1992. p. 532.

2. SUESS, Paulo, “*Mémoire, identité, solidarité: réflexions sur la cause des peuples indiens*”, em *Social Compass*, vol. 39, No. 4, p. 519.

3. SANCHEÉS ALBORNOS, Nicolas, *La población de América Latina*, Madrid, Alianza Editorail, 1973, p. 62.

4. Dois anos antes em 1545 a “gran peste” arrasou Tlatelolco, onde se encontrava Sahagun, quem dizia ter enterrado mais de dez mil pessoas; ao respeito ver GARCIA ICASBALCETA, Joaquim, *Bibliografía mexicana del siglo XVI*, México, F.C.E., 1954, p. 329.

ros intentos de reconstituir a história dos povos de América antes da chegada dos espanhóis. Nasceu espanhol e entrando para a ordem franciscana, Frei Bernardino tinha chegado a “La Nueva España” em 1529.⁵ Precoce conhecedor do náhuatl, em 1543 tinha publicado um texto de sermões nesta língua⁶, achou que o esforço por continuar a catequização iniciada por seus confrades passava pela recompilação dos chamados “huehuetlatolli”, os textos nahuas que recolhiam o código moral dos astecas. Ao que parece, segundo os estudiosos, Frei Bernardino acreditava que esses textos poderiam servir de base para uma pregação do evangelho compreensível aos astecas e que lhes chegasse a seu coração.⁷

Mas o que começou para servir a um fim específico transformouse entre 1569 e 1582 em obra monumental que ocupou 35 anos da vida do franciscano. Nos 12 livros de sua “Historia General de las cosas de Nueva España” Sahagun

reconstituiu o universo religioso, social, político e económico do México antigo, além de recuperar o percurso histórico dos mexicanos e de fazer uma descrição da conquista do ponto de vista asteca.

Contudo, mesmo levando em conta o incontestável valor documental deste trabalho, é na metodologia da recomilação e do tratamento linguístico de seu material que Frei Bernardino supera abertamente outros contemporâneos que se interessaram também pelo passado dos povos da América. Interessado em um levantamento o mais rigoroso possível, Sahagun recorreu à colaboração de quatro estudantes indígenas do colégio dos franciscanos em Tlatelolco. Esses estudantes que dominavam o náhuatl e que tinham aprendido a escrevê-lo com o alfabeto latino, entrevistaram indígenas velhos que contaram notícias e histórias, além de copiar em desenhos e pinturas antigas nas quais os astecas mostravam relações de sua vida. Esses levantamentos foram corrigi-

dos pelo frei, submetidos a várias confrontações com “principales” de outras regiões, copiados e recopiados. Finalmente serviram de base para um texto de duas colunas, uma em espanhol e a outra em náhuatl, à qual foram agregados os desenhos.

2. O quilate dos astecas.

Pelas suas dimensões e o rigor de seu trabalho, o próprio frei Bernardino não deixou de afirmar no prólogo que:

*“Es esta obra como red barrera para sacar a luz todos los vocablos de esta lengua con sus propias y metafóricas significaciones y todas sus maneras de hablar y las más de sus antiguallas buenas y malas”*⁸

O México de Frei Bernardino é uma negação da imagem do índio como bárbaro. Isto porque o religioso partiu da afirmação do valor “político” dos astecas, que ele

expressou na palavra quilate. Essa expressão que vem do árabe *quirlol*, além de representar os graus de pureza do ouro, era utilizada na linguagem figurada para significar “os graus de virtudes, ou defeitos naturais e morais”.⁹ Aplicada com este significado a um povo ou nação, a palavra fazia referência explícita a uma avaliação de sua humanidade.

Desde o começo da “Historia General..” Sahagun diz estar interessado em “*conocer el quilate de la gente mexicana el cual no se ha conocido*”¹⁰. Para o frei, era evidente que o quilate dos astecas era alto, pois “*en las cosas de política echan el pie delante a muchas otras naciones que tienen gran presunción de políticos, sacando fuera algunas tiranías que su manera de regir contenía*”.¹¹ Os astecas precisavam deste modo, ser conhecidos, porque eram produto de uma ordem antiga e se conservavam em república através da ordem individual e pública, que reinava em suas cidades e povoados.

5. Sobre a vida e obra de Sahagun pode ser consultado LEON-PORTILLA, Miguel Leon, Bernardino de Sahagun, Madrid, História 16, 1987 e HERNANDEZ DE LEON-PORTILLA, Ascensión, (org.) Bernardino de Sahagun. *Diez estudios acerca de su obra*, México, F.C.E., 1990.

6. Trata-se da “*Psalmódia cristã e sermão dos Santos do ano em língua mexicana*”, ao respeito ver GARCIA ICASBALCETA, Joaquim, *bibliografía mexicana del siglo XVI*, México, F.C.E., 1954, p. 322.

7. Georges Baudot, *Utopía e Historia en México*, Madrid, Espasa-Calpe, 1983, p. 473.

8. SAHAGUN, Fr. Bernardino, *Historia General de las Cosas de Nueva España*, México, Editorial Porrúa, 1977, vol. I, p. 29.

9. SILVA, Antonio de Moraes, *Dicionário da Língua Portuguesa*, Ed. Santos Vieira, Lisboa.

10. SAHAGUN, Fr. Bernardino, *Historia General de las Cosas de Nueva España*, Op. Cit., Vol. I, p. 29.

11. SAHAGUN, Fr. Bernardino, *Historia General de las Cosas de Nueva España*, Op. Cit., Vol. I, p. 29.

Porém, por causa da conquista essa memória de uma república não existia mais. Os astecas tinham sido vítimas de uma fúria conquistadora que além de destruí-los com seus edifícios e povos, alterou definitivamente sua imagem, “*que ninguna apariencia les quedó de lo que eran antes. Así estan tenidos por bárbaros y por gente de bajísimo quilate*”.¹² Isto porque os espanhóis:

*“derrocaron y echaron por tierra todas las costumbres y maneras de regir que tenían estos naturales y quisieron reducirlos a la manera de vivir de España, así en las cosas divinas como en las humanas, teniendo entendido que eran idólatras y bárbaros, perdióse todo el regimiento que tenían.”*¹³

Atitude dos espanhóis perante os astecas, que o frei explica a partir da idolatria. Esta se misturava nos ritos da república e assim teria sido necesario desarrumar tudo e

colocá-los em outra maneira de polícia que não tivesse presença de idolatrias.¹⁴

3. A antiguedade e a filosofia moral dos astecas.

Os astecas tinham quilate porque eram um povo antigo.

“En lo que toca a la antiuedad de esta gente tiénese por averiguado que há mas de dos mil años que habitan esta tierra que ahora se llama Nueva España: Porque por sus pinturas antiguas hay noticia que aquella famosa ciudad que se llamó Tula ha ya mil años o muy cerca de ellos que fué destruída”.¹⁵

Esta cidade, que Sahagun qualifica de muito rica, decente, sabia e não duvida em compará-la a Troia, teria mais de mil anos quando foi destruída. O que leva o mis-

sionário a afirmar que “*por lo menos quinientos años antes de la reencarnación de Nuestro Redentor esta tierra era poblada*”.¹⁶ O tempo, contado em milênios, chocava-se com a ocupação da conquista que se contava ainda em anos. O recado parecia ingênuo, mas era claro. Muito antes dos espanhóis serem os espanhóis, os mexicanos já existiam. Isto os fazia contemporâneos dos grandes povos da antiguidade.

Para o franciscano, leitor de Plínio e sua “História Natural”, a antiguidade se identificava com o período clássico, que se distinguiu pela existência de importantes cidades que se destacavam das outras pela construção de grandes edifícios. Um traço que ele reconhece no México, comparando, por exemplo, aos romanos com os sobreviventes da destruição de Tula, que chama de “choltecas”. Como os romanos, que edificaram o

Capitolio, os “choltecas” teriam construído sua fortaleza. Mas as comparações não terminam aqui. O México também foi comparado por Sahagun a Veneza, anotando que “en saber y en policia son otros venecianos” e comparando finalmente os tlaxcaltecas aos habitantes de Cartago.¹⁷

Esta antiguidade dos mexicanos fazia também que sua idolatria fosse equivalente à idolatria dos povos antigos do ocidente. Assim, para apresentar o panteão asteca, Sahagun vai recorrer ao panteão romano. Huitzilopochtli “*el cual fué robustísimo, de grandes fuerzas y muy belicoso*”, para Frei Bernardino foi outro Hércules.¹⁸ Tescatlipoca que “*era tenido por verdadero dios e invisible, el cual andaba en todo lugar*” era outro Jupiter.¹⁹ Chicomecoatl “*la diosa de los mantenimientos, así de lo que se come como de lo que se bebe*” era outra Ceres.²⁰ Calchiuh-

16. SAHAGUN, Fr. Bernardino, *Historia General de las Cosas de Nueva España*, Op. Cit., Vol. I, p. 29.

17. SAHAGUN, Fr. Bernardino, *Historia General de las Cosas de Nueva España*, Op. Cit., Vol. I, p. 30.

18. SAHAGUN, Fr. Bernardino, *Historia General de las Cosas de Nueva España*, Op. Cit., Vol. I, p. 43.

19. SAHAGUN, Fr. Bernardino, *Historia General de las Cosas de Nueva España*, Op. Cit., Vol. I, p. 44.

20. SAHAGUN, Fr. Bernardino, *Historia General de las Cosas de Nueva España*, Op. Cit., Vol. I, p. 47.

12. SAHAGUN, Fr. Bernardino, *Historia General de las Cosas de Nueva España*, Op. Cit., Vol. I, p. 29.

13. SAHAGUN, Fr. Bernardino, *Historia General de las Cosas de Nueva España*, Op. Cit., Vol. III, p. 159.

14. SAHAGUN, Fr. Bernardino, *Historia General de las Cosas de Nueva España*, Op. Cit., Vol. III, p. 159.

15. SAHAGUN, Fr. Bernardino, *Historia General de las Cosas de Nueva España*, Op. Cit., Vol. I, p. 29.

tlícué “*diosa del agua*” era outra Juno.²¹ Tlazolteotl “*la diosa de la carnalidad*” era outra Venus.²²

A antigüedad falava bem de um povo. Contudo, não era suficiente para mostrar o grau de seu quilate, que se exprimia melhor na existência de uma filosofia moral, entendida por Sahagun como o estabelecimento de virtudes morais, a condenação e o castigo dos vícios. Conhecedor dos “*huehuetlatolli*”, como já foi dito, não foi difícil para Frei Bernardino tratar de “*las virtudes morales, segun la inteligencia y práctica y lenguaje que la misma gente tiene de ellas*”.²³ No livro décimo, são identificados nas pessoas, nas hierarquias e nos ofícios os atributos e os defeitos, ou como diz o frei, “*poniendo la bondad de cada persona y luego su maldad*”,²⁴. Assim, do bom pai, Frei Bernardino diz que cria seus filhos, lhes

da doutrina e aconselhamento, faz tesouro para eles e cuida em levar bem as contas de sua casa. O mau pai, ao contrário, é preguiçoso, perde tempo e é vadio.²⁵

Também, a moça boa é gentil, casta, cuida e guarda sua honra. Muito diferente é a moça desonesta, de andar requebrado e preunçosa, que não tem vergonha e pratica a desonestidade com seu corpo.²⁶

Identificação de paradigmas do bem e do mal no universo asteca, que apontavam para a presença da Filosofia Moral. Dado que estes naturais habitavam um território que pelo seu bom clima e a fertilidade da terra tinha todas as condições para que a natureza humana fosse viçosa, ociosa e dada aos vícios sensuais, só a Filosofia Moral teria ensinado a eles que “*para vivir moralmente y virtuosamente era necesario el rigor y (la*

austeridad y ocupaciones continuas en cosas provechosas a la república.”²⁷. Frei Bernardino enumerou os diversos castigos que os maestros empregavam com os alunos que não os obedeciam, e as penas aplicadas aos adultos que incurriam em vícios. Como por exemplo, a bebedeira, castigada, segundo o frei, com a morte. Também mostrou como as pessoas menores de 50 anos, eram mantidas ocupadas dia e noite em diversos afazeres “*de manera que los brios y las inclinaciones carnales no tenían señorío en ellos, así en los hombres como en las mujeres*”.²⁸

Ideário de virtuosismo e moral, exprimindo-se na existência de “regimentos” ou compêndios de normas que regiam a vida da república. Contudo, esse ideário era realizado principalmente pela prática da educação. Nesta, os filhos eram afastados dos pais, entregues a mestres “solícitos e rigurosos”,

separados os homens das mulheres e ensinados a acatar e obedecer à república e aos que ela governavam.²⁹

Obediência que para o franciscano regulava os vínculos dos membros da família, as relações entre as diferentes dignidades e condições sociais e os tratos entre os governantes e os governados. O bom filho, por exemplo, era obediente, e o bom sobrinho fazia as coisas sem que fosse mandado. E o que era dito uma vez não era preciso ser dito duas vezes.³⁰ Obediência de uns a outros, que servia para afirmar as diferenças que assinalavam a distinção dos reis, dos nobres, dos cavaleiros, dos fidalgos e que apontavam para a virtude. Da pessoa nobre de linhagem, dizia Sahagun que era “*de buenas entrañas, de real condición y de honesta vida, humilde, avisado, recatado, amado de todos, pacífico, hombre cabal, sosegado, de buena y limpia vida, sabio y prudente*.”³¹

21. SAHAGUN, Fr. Bernardino, *Historia General de las Cosas de Nueva España*, Op. Cit., Vol. I, p. 50.

22. SAHAGUN, Fr. Bernardino, *Historia General de las Cosas de Nueva España*, Op. Cit., Vol. I, p. 51.

23. SAHAGUN, Fr. Bernardino, *Historia General de las Cosas de Nueva España*, Op. Cit., Vol. III, p. 97.

24. SAHAGUN, Fr. Bernardino, *Historia General de las Cosas de Nueva España*, Op. Cit., Vol. III, p. 97.

25. SAHAGUN, Fr. Bernardino, *Historia General de las Cosas de Nueva España*, Op. Cit., Vol. III, p. 98.

26. SAHAGUN, Fr. Bernardino, *Historia General de las Cosas de Nueva España*, Op. Cit., Vol. III, p. 107.

27. SAHAGUN, Fr. Bernardino, *Historia General de las Cosas de Nueva España*, Op. Cit., Vol. III, p. 159.

28. SAHAGUN, Fr. Bernardino, *Historia General de las Cosas de Nueva España*, Op. Cit., Vol. III, p. 158.

29. SAHAGUN, Fr. Bernardino, *Historia General de las Cosas de Nueva España*, Op. Cit., Vol. III, p. 158.

30. SAHAGUN, Fr. Bernardino, *Historia General de las Cosas de Nueva España*, Op. Cit., Vol. III, pp. 98-101.

31. SAHAGUN, Fr. Bernardino, *Historia General de las Cosas de Nueva España*, Op. Cit., México, Op. Cit., Vol. III, p. 109.

4. Sahagun os astecas e o paradigma ocidental.

Os astecas, para Sahagun, reconheciam uma ordem hierárquica estabelecida pela diferença, a distinção e as qualidades morais que conduziam à obediência ao respeito à admiração, ao temor e à preservação da república, entendida como bem comum. Era uma ordem que estava mais além da bondade ou da maldade do indivíduo. Uma ordem nascida com o indivíduo na família e que permitia que a república se realizasse na polícia.

Novamente, como no caso da antiguidade, Sahagun volta às analogias ocidentais, concretamente à filosofia moral e à polícia. Usava Frei Bernardino a palavra polícia com a interpretação que tinha no século XVI e que no século XVIII encontrava-se ainda em uma das acepções do dicionário Moraes Silva: "*aperfeiçoamento de nação culta e política ou polida, nas obras de mecânica, no saber, artes liberais e racionais, no governo e na administração interna da república, principalmente*

no que respeita às comodidades, limpeza, asseio, fartura de víveres, vestimenta e a segurança dos cidadãos."³²

Mostrando que o universo asteca estava regido pela polícia, Frei Bernardino fundamentava na ordem a república mexicana e afirmava o quilate perdido. Desta forma, ao mesmo tempo que tentava reconstruir o passado mexicano, o fazia utilizando o paradigma aristotélico, que por sua vez tinha sustentado o discurso sobre barbárie dos índios.

É claro que Sahagun, como anotou Janice Theodoro, ao fazer a correlação das palavras e dos significados,³³ olhou para o passado asteca através das analogias que lhe permitiram afirmar o quilate do povo mexicano, representado pela filosofia moral, e ao mesmo tempo o "desquilate" da idolatria. Assim, recolhendo-se no maniqueísmo do colonizador Sahagun parou no caminho da construção da alteridade. Porém, ao não deixar desaparecer uma memória de mais de dois mil anos de história, ele se converteu numa das vias indispensáveis para a recuperação de

nossa identidade. Isto, porque seu monumental trabalho nós devolve o rosto do índio e do americano, não traçado pela barbárie, mas por uma outra forma de se apresentar à humanidade.

Finalmente, como missionário do século XVI que encarava sua missão através da imposição da Fé cristã, Frei Bernardino nos mostra os limites de um esforço de inculturação quando a Igreja não alcan-

çar uma compreensão multicultural de sua identidade.³⁴

Fernando Torres Londoño é Doutor em História pela USP, e Coordenador de História da Igreja na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Endereço: Av. Cons. Rodrigues Alves, 948, Ap. 7 São Paulo - 04014-002

32. SILVA, Antonio de Moraes, *Dicionário da Língua Portuguesa*, Ed. Santos Viera, Lisboa.

33. THEODORO, Janice, "A América desenhada pelos cronistas", em *América Barroca*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira/EDUSP, 1992, p. 100.

34. SUESS, Paulo, "*Mémoire, identité, solidarité: réflexions sur la cause des peuples indiens*", em *Social Compass*, vol. 39, No. 4, p. 519.